

A ESCRITURA DE GRADED READERS – ADAPTAÇÃO, PRINCÍPIOS TRADUTÓRIOS E PROCESSO CRIATIVO

Elizamari Becker*

Os textos literários adaptados ou facilitados constituem um recurso didático muito utilizado para promover a aprendizagem de língua estrangeira, a chamada “leitura extensiva” (Bell, 1998), que pretende desenvolver a proficiência de leitura do aprendiz e aproximá-lo da cultura da língua que está aprendendo, aumentar sua capacidade de construção de novo conhecimento, ampliar seu vocabulário na língua estrangeira, fixar o uso de estruturas sintáticas, dentre outros objetivos ligados ao prazer que a leitura de um texto literário pode proporcionar. Inúmeras estratégias de simplificação são concomitantemente empregadas em adaptações desse tipo – simplificação lexical e sintática, paráfrase ou explicitação, reescritura, entre outras.

Muitos clássicos da literatura universal, originalmente escritos em inglês, figuram, em formatos simplificados de níveis variados, nas cartelas de grandes editoras, tendo como público-alvo estudantes de inglês como língua estrangeira e movimentando um mercado de significativa prosperidade. Essas adaptações, muitas das quais revestidas de elementos intersemióticos (Jakobson, 1959), parecem ser confeccionadas segundo parâmetros (editoriais) bem definidos e seus adaptadores empregam estratégias de reescritura que não são incomuns a tradutores que balizam suas práticas pelos ditames da recepção.

* Doutora em Letras, com ênfase em Estudos de Literatura e Literatura Comparada (UFRGS, 2006). Professora Adjunta em atividade no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. Tradutora Pública e Comercial (Junta Comercial do Rio Grande do Sul). E-mail: elizamari.rodrigues@ufrgs.br.

Diferentemente dos Estudos de Tradução, que visitam frequente e principalmente as esferas do bilinguismo, os Estudos de Adaptação encontram-se mais vinculados ao monolinguismo. Conforme explica John Milton, “ao contrário dos Estudos de Tradução, que normalmente se ocupam da tradução interlinguística, as investigações subscritas nos Estudos de Adaptação normalmente dedicam-se a versões intersemióticas e intralinguísticas e, muito raramente, tratam de questões interlinguísticas” (Milton, 2009, p. 4, trad. nossa).

Esse é o caso dos *Graded Readers* dos catálogos de grandes editoras como a Oxford, a Cambridge, a Penguin Readers: não há necessariamente a transposição de uma língua para outra; a língua continua sendo, na grande maioria dos casos, o inglês. Mas os graus de proficiência na língua é que são seriados e modalizados, permitindo que usuários de inglês como língua estrangeira, com comandos variados do mesmo, tenham acesso à literatura de grandes clássicos da literatura em língua inglesa em adaptações especialmente pensadas e confeccionadas para eles. Essas adaptações estão, portanto, alinhadas com dois conceitos de tradução (Jakobson, 1959 [2004], p. 139) bem conhecidos no campo dos Estudos de Tradução: o de tradução intralingual, em que temos uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais da mesma língua, e que recorre a estratégias como a paráfrase, a explicitação, a simplificação, a sumarização, a reescritura, a atualização etc.); o de tradução intersemiótica (ou transmutação), em que ocorre uma interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

1 FUNÇÕES (OU PROMESSAS) DA FICÇÃO DE LEITURA SIMPLIFICADA

Esses livros de leitura simplificada possuem funções pedagógicas bem definidas: servir como um livro-texto de transição para aprendizes de língua estrangeira; criar autonomia nesses aprendizes para construir conhecimento sem o acompanhamento do professor; permitir a autoavaliação através do cumprimento de uma tarefa de leitura desafiadora, a do texto

literário; estimular diferentes estratégias de leitura para aquisição de vocabulário. Além disso, essas adaptações pretendem ser um passatempo agradável e divertido, conforme explica Collins em seu pequeno manual sobre como escrever *graded readers*:

For would-be writers, writing Graded Readers has many advantages. They are not huge literary works which take forever to produce. Writing a Graded Reader is a skill that can be learnt, has clear guidelines to follow and gets easier with practice. Graded Readers are fun to read and are also fun to write (Collins, 2014).

Mas mesmo os adeptos dos textos de leitura simplificada têm suas restrições ao uso exclusivo desses textos no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. As recomendações mais comuns incluem alternar as leituras simplificadas com a leitura de material autêntico, para que o leitor aprenda a controlar o grau de ansiedade frente a textos menos simplificados ou adaptados. Os educadores que advogam por essa combinação de textos adaptados com textos autênticos entendem que o senso de conquista é muito maior quando o aluno progride do simplificado para o autêntico, aprendendo a vencer a insegurança em situações de confronto com elementos lexicais e sintáticos desconhecidos e fazendo do estranhamento uma ferramenta de aquisição de uma maior proficiência.

2 CARACTERÍSTICAS DOS GRADED READERS

Os livros de leitura simplificada ou *graded readers* são voltados para um público leitor específico – os aprendizes de língua estrangeira, sobretudo os de inglês – e possuem uma formatação bem definida, muitas vezes explicitada nos catálogos das editoras ou ainda em manuais destinados a tradutores-adaptadores que queiram colaborar com esse mercado. Eles são seriados por níveis, seguindo a mesma seriação dos livros didáticos que o mercado oferece e, muitas vezes, segundo os padrões de proficiência do *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment*.

Há editoras que mantêm um estrito controle de número de palavras e até mesmo de estruturas gramaticais, como é o caso da Penguin Readers Series, pertencente a Pearson Education Limited, que possui 7 níveis bem definidos de competência leitora, cada um deles contendo um rigorosa restrição de número de palavras, conforme registro de quarta capa das adaptações daquela editora:

- 6 Advanced (3000 words)
- 5 Upper Intermediate (2300 words)
- 4 Intermediate (1700 words)
- 3 Pre-Intermediate (1200 words)
- 2 Elementary (600 words)
- 1 Beginner (300 words)
- Easystarts (200 words)

Seus editores, Hopkins e Potter, informam os professores, no *site* <http://penguinreaders.com/teachers-main.html>, que seus *readers* têm por missão (1) proporcionar aos estudantes uma leitura que estimule o senso de realização e de conquista destes últimos e (2) fazer com que essa experiência de leitura contribua ainda para aumentar a confiança e a autonomia desse público.

A Oxford Readers, além da seriação por níveis, tem ainda uma seriação por faixa etária, segundo o entendimento de que públicos distintos possuem interesses também distintos. Assim, os títulos adaptados são escolhidos de acordo com quatro faixas: infantil, infanto-juvenil, adolescentes e jovem-adultos. Quanto às histórias, são classificadas em diferentes gêneros: *classics, crime and mystery, fantasy and horror, human interest, non-fiction, playscripts, thriller and adventure, true stories, world stories*. As séries da Oxford também possuem propostas pedagógicas bem definidas, como: complementar cursos de língua da própria Oxford em seus diversos níveis, estimular a autonomia de leitores, difundir os clássicos da literatura universal; uma das séries de *graded readers* da Oxford, intitulada *Oxford Bookworms Club Reading Circles*, foi criada para atender a pequenos círculos ou clubes de leitores que, por iniciativa própria ou sob orientação de

um professor, queiram compartilhar suas experiências de leitura.

A Cambridge possui uma cartela seriada em seis níveis e indicada para seus também seriados exames de proficiência (KET, PET, FCE, CAE) para ESOL (*English for Speakers of Other Languages*). Seus *readers* estão também seriados de acordo com o CEF (*Common European Framework*).

A Black Cat CIDEB talvez tenha o catálogo mais amplo de todas, não só pelo número de publicações, mas também pela variedade de línguas – além do inglês, a Editora possui *graded readers* também em alemão, espanhol, francês e italiano. Seus “tentáculos mercadológicos” alcançaram culturas tão especiais como a chinesa, para a qual oferta um catálogo inteiro de *readers* bilíngues (em inglês e mandarim). As especificidades de tais *readers* não param no bilinguismo: em consonância com as práticas pedagógicas chinesas, altamente controladoras, as histórias são entrecortadas e até antecipadas por muitos exercícios, o que, para padrões ocidentais, pode parecer uma interferência indesejada no fluxo da leitura e minimizar seu prazer.

Outra característica dessa literatura é seu caráter intersemiótico, sobretudo no que diz respeito a recursos pictóricos. Os *graded readers* costumam apresentar um conjunto de ilustrações e imagens em composição com os textos. Essas ilustrações podem ficar restritas às capas ou à introdução dos capítulos, ou podem aparecer a par e passo com páginas alternadas de textos. Algumas séries, principalmente quando voltadas a público infantil, são abundantemente coloridas. As séries vão perdendo sua farta quantidade de ilustrações e suas cores à medida que, em sua serialização, tendem para um público mais adulto ou para níveis mais avançados. A economia de texto necessária a leitores iniciantes é compensada no apelo imagético.

Há também um consolidado revestimento de elementos paratextuais nessas adaptações. O paratexto é aqui entendido como *um limiar... que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder... “zona indecisa” entre o dentro e o fora* (Genette, 1987, p. 9). Esses elementos paratextuais incluem introduções ou prefácios contendo informações sobre

o autor e a obra originais, sobre a história ou a cultura dos povos ou dos lugares ficcionalmente representados. Podem conter ainda textos explicativos, como notas de rodapé, pequenos glossários (bilíngues, monolíngues ou até pictóricos), e exercícios de interpretação de texto ou de vocabulário e gramática. Informações de orelha e de quarta capa sobre a série, o público-alvo e a história (normalmente um breve resumo) também ajudam a compor o rico aparato paratextual que, juntamente com as ilustrações, serve de invólucro para os *graded readers*.

Nos Estudos de Tradução discute-se bastante sobre o status e o reconhecimento do tradutor e como só mais recentemente as traduções passaram a ter os nomes dos tradutores nas capas dos livros. Os Estudos de Adaptação não parecem apresentar grandes queixas a esse respeito. É comum que adaptadores (e até ilustradores) tenham seus nomes estampados com visibilidade nas capas, precedidos de textos como “Retold by...” ou “Translated and adapted by...” ou “Text adaptation by”, rivalizando com os nomes dos próprios autores dos textos originais nos quais os *graded readers* se basearam.

Atualmente, a maioria dessas adaptações é acompanhada de outros componentes (incluídos ou vendidos separadamente), como material de áudio (CDs) e vídeo (DVDs) e livros de exercícios ou testes com chave de correção. Como estão predominantemente a serviço de leitores menos proficientes na língua, é comum que a oferta de títulos disponíveis para os níveis iniciais ou básicos seja muito superior ao número de títulos para níveis mais avançados, quando os aprendizes, teoricamente menos dependentes de adaptações, já deveriam estar mais interessados em leituras autênticas ou já deveriam ter iniciado a transição para a leitura de textos literários originais.

3 ESTRATÉGIAS DE SIMPLIFICAÇÃO

A seleção de textos originais para a confecção de um *graded reader* é feita com base em critérios bem definidos, todos eles voltados para as ne-

cessárias estratégias de simplificação exigidas por esse tipo de adaptação. Para que uma história de ficção seja adequada para simplificação e adaptação, é desejável que a mesma possua uma ação ou história bem definidas, o que significa dizer que a estrutura narrativa precisa ser composta de uma ação, que se desenvolve em um tempo definido, realizada por um ou mais personagens. Os romances de atmosfera, por exemplo, não se prestam tão bem para esse tipo de adaptação.

Dentre as estratégias de simplificação, temos que elementos secundários devem ser omitidos (personagens, descrições, eventos de pouca relevância para o desenvolvimento da ação); que a sequência narrativa deve ser linear; que articuladores do discurso e nexos oracionais de baixa complexidade (e variedade) devem substituir estruturas mais complexas; que os verbos dicendi (ou declarativos) devem variar pouco. Essas estratégias é que vão garantir o restrito uso de palavras e o controle da extensão dos textos adaptados.

Quando pensamos em tradução, alguns pressupostos são automaticamente acionados: comprometida com o original, deve ser fiel ao mesmo na forma, no tom e no conteúdo, não pode “tomar liberdades” com o original; está a serviço do leitor da língua-alvo, e é escrita no registro correspondente nessa língua; é comumente chamada de “literal”. Quando pensamos em tradução literária, entretanto, sempre há uma “certa medida de adaptação” e um contrato pré-estabelecido entre as partes – autor / tradutor / leitor do texto traduzido – de que medidas de explicitação serão adotadas e de que uma fluência na língua-alvo será buscada. Assim, talvez possamos entender que a tradução literária é a que mais lugar encontra para as práticas de adaptação. Dentro dos Estudos de Tradução, os campos de investigação que reconhecem a adaptação como um exercício válido de restituição textual em outra língua são:

1. a tradução intersemiótica (Jakobson; Eco);
2. a desconstrução (Derrida);
3. a localização - processo de tradução que ajusta o produto ou serviço (normalmente um aplicativo de computador ou conteúdo de *web-*

sites, ou produtos acompanhados por muitos manuais em diversas línguas) ao seu receptor ou consumidor de uma língua, cultura e expectativa bem específicas. A localização de um produto exige cuidado com aspectos tão amplos como fusos horários, moedas, feriados nacionais, cores locais, realidades geográficas, percepções de gênero e de hierarquia, dentre outros. Um produto ou serviço adequadamente localizado é aquele que parece ter sido criado e desenvolvido na cultura que recebe a tradução.

Os termos mais comuns nos Estudos de Tradução relacionados a adaptação são: simplificação; reescritura; *retextualização*; reinvenção.

4 UMA HISTÓRIA AMPLAMENTE ADAPTADA

Uma das histórias mais recontadas no formato *graded reader* é *Treasure Island*, de Robert Louis Stevenson. Praticamente todas as grandes editoras adaptaram o romance de aventura de Stevenson, efetuando uma gama de simplificações, a começar pela estrutura narratológica – Oxford Bookworm Library, Heinemann, Penguin, Black Cat, McGraw-Hill, Cytamy w Oryginali (polonesa). Na história original, há dois narradores: inicialmente, temos a narração do Dr. Livesey e, mais tarde, Jim Hawkins passa a narrar a história. Na adaptação da Penguin Readers essa troca de narradores não ocorre, já nos textos da Black Cat e da Heinemann, apesar da simplificação drástica do número de capítulos, a dupla narração se mantém. Os trinta e quatro capítulos do original tornam-se três na versão adaptada da Penguin, sete na da Cytamy w Oryginali (polonesa), nove na da Black Cat, catorze na da Heinemann e também catorze na versão em quadrinhos da McGraw-Hill.

Toda a moral e a reflexão do original são atenuadas dramaticamente em todos os *readers*, recaindo, sobre a ação, a atenção dos adaptadores. Elementos linguístico-culturais importantes são omitidos na maioria das adaptações, como o falar característico dos piratas, as canções, os trechos mais históricos sobre a época ou sobre crítica social que fazem. Na adaptação da Black Cat, voltada para o público chinês infanto-juvenil, foram omi-

tidas todas as referências ao rum ou a bebidas alcoólicas ou alcoolismo, referências essas que são bastante enfatizadas no original e que participam na caracterização de várias personagens. A razão dessas omissões deve passar, com certeza, pelo controle ético e pedagógico do governo chinês. Verifica-se também uma significativa simplificação da adjetivação em todas as versões.

Todas essas adaptações ganham farta ilustração, sendo que as da Penguin e da polonesa Czytamy w Oryginali, por serem endereçadas a público jovem-adulto, trazem ilustrações mais sóbrias, somente em carvão e sem cores. Todas elas possuem textos introdutórios, situando brevemente a obra e o autor no cânone literário, além de exercícios – as versões da Black Cat e da McGraw-Hill, para aprendizes chineses bem jovens, são repletas deles; já a da Czytamy w Oryginali possui um caderno de atividades que é vendido separadamente e a da Penguin e a da Heinemann possuem apenas algumas poucas perguntas ao final do livro.

CONCLUSÃO

Nos Estudos de Tradução e nos de Adaptação, alguns desconfortos, como a necessidade de adaptar para alcançar a compreensão do leitor e sua adesão ao processo de leitura, já estão superados. Na evolução do processo sobre o entendimento do que sejam leitura e interpretação, em que o foco se deslocou do texto original para o texto traduzido, e em que a tradução se colocou a serviço do leitor, e não mais do autor, a adaptação nunca contou com tanto espaço, aceitação e até simpatia como agora. O que ainda parece não estar superada é a busca pela medida da escala que define em que momento uma tradução passa a ser uma adaptação e vice-versa. As perguntas que ainda latejam na cabeça da crítica são: Que distância é essa que separa tradução de adaptação? Públicos diferentes daqueles previstos para o original explicariam (e justificariam) as adaptações? Seria a função específica de cada retextualização o critério que definiria o que pretende ser uma tradução e o que pretende ser uma adaptação? E os leitores de

textos adaptados, o que dizem ter lido? *Treasure Island*, de Stevenson? Uma adaptação de *Treasure Island*? Ou simplesmente *Treasure Island*?

Mais do que qualquer outro tipo de tradução, a tradução literária sempre esteve muito sensível às impossibilidades da tradução literal, mais consciente acerca das tensões criadas pelas aproximações entre as línguas, as culturas e as literaturas (e os cânones) e as diferentes convenções e percepções entre as línguas e os sistemas literários a que as mesmas pertencem (Biguenet and Schulte, 1989). Dentre os muitos gêneros literários de tradução, o da tradução de poemas, que tenta reconciliar o praticamente irreconciliável (forma e conteúdo), é talvez o que precise empreender maior reflexão sobre estratégias de adaptação e que permita maiores liberdades (Lefevere, 1992). E é quando o tradutor se depara com os dilemas sobre o que manter e priorizar no novo texto (em detrimento daquilo que decide descartar) é que suas práticas de adaptação tornam-se menos latentes e mais explícitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELL, Timothy. Extensive Reading: Why? and How?, *The Internet TESL Journal*, Vol. IV, No. 12, December 1998. Disponível em: <<http://iteslj.org/Articles/Bell-Reading.html>>. Acesso em: 6 jun. 2015.
- BIGUENET, J., & SCHULTE, R. (Eds.) *The craft of translation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- COBB, T. Computing the vocabulary demands of L2 reading, *Language Learning & Technology*, n. 11 (3), p. 38–63, 2007. Disponível em: <<http://llt.msu.edu/vol11num3/cobb/default.html>>. Acesso em: 6 jun. 2015.
- COLLINS, Anne. How to Write a Graded Reader and Graded Reader Activities. © Macmillan Publishers Limited 2014. Published by Macmillan Heinemann ELT. Disponível em: <<http://www.macmillanreaders.com/wp-content/uploads/2010/07/How-to-Write-a-Graded2.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2015.
- DAWSON, Nick. Penguin Readers. Teacher's Guide to using graded readers.

Disponível em: <http://engres.ied.edu.hk/lang_arts/exemplars/story/PenguinGradedReaders.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, (1987) 2009.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed). *The translation studies reader*. 2nd ed. London, New York: Routledge, 2004.

LEFEVERE, A. *Translating literature: practice and theory in a comparative literature context*. New York: The Modern Language Association of America, 1992.

MILTON, John. Translation Studies and Adaptation Studies. In: PYM, Anthony; PEREKRESTENKO, Alexander (Eds.) *Translation Research Projects 2*. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. pp. 51-58. Disponível em: <http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp_2_2009/index.htm>. Acesso em: 5 jun. 2015.

STEVENSON, Robert Louis. *Treasure Island*. London, Paris and New York: Cassel and Company, Limited, 1883.

_____. *Treasure Island*. Adapted by Stephen Colbourn. London: Heinemann ELT, 2001.

_____. *Treasure Island*. New Oriental. Password Readers. Hong Kong: McGraw-Hill, 2006.

_____. *Treasure Island*. Retold by Ann Ward. London: Penguin Readers & Pearson Education Ltd, 1995.

_____. *Treasure Island*. Retold by Anna Paluchowska. Kraków: Czytamy w Oryginali, 2004.

_____. *Treasure Island*. Retold by John Escott. Oxford Bookworms Library. London: Oxford University Press, 2008.

_____. *Treasure Island*. Text adaptation, notes and exercises: Peter Foreman. Black Cat Publishing: Hong Kong, 2003.